

A dialética contraditória e complementar do escrito e do documento *

Contradictory and complementary dialectics of the written word and of the document

ROBERT ESTIVALS **

Reflexões sobre problemas da bibliologia e da documentologia, desenvolvidas em seis níveis sucessivos e interligados: fenômeno; circuitos corporativos; sociologia política; histórica sociológica; teorização científica e pedagogia.

1. Problemática: da abertura da bibliologia à documentologia

Este estudo é uma continuação de trabalhos anteriores sobre a bibliologia. Abre o caminho para uma situação teórica desta disciplina entre as ciências da informação e da documentação, começando pela mais próxima, a documentologia. Poderá ser, assim, elaborada progressivamente uma teoria geral e comparativa das ciências da informação, renovando-se as teorias gerais da comunicação, já publicadas (A. MOLES; R. ESCARPIT).

* Traduzido por Paulo Bernardo Ferreira Vaz, Mestre em Editoração pela Universidade de PARIS — 13e. França.

** Professor da Universidade de Bordeaux III. Presidente da Société de Bibliologie et de Schematisation — França

2. As fontes: grupo de pesquisa e dialética do consenso

Esta esfera de ação não é nova para nós. Valemo-nos de OTLET (2), praticamente esquecido há algumas décadas, cujo pensamento teórico, entretanto, está longe de ser desatualizado. Numerosos trabalhos foram publicados sobre essa questão, depois da Segunda Guerra Mundial.

Com este objetivo foi, então, constituído o Grupo de pesquisa sobre o escrito e o documento, a partir da publicação de INFORCOM 1 — 1978 (3). Esse Grupo congrega especialistas de diversos setores da bibliologia e da documentologia. Entre outros, Jean MEYRIAT (Documentação); Pierre ALBERT (Informação e Impressão); Jean GUENOT (Literatura e Edição); Jean-Marie BOUVAIST (Edição e Economia) e Jacques BRETON (Biblioteconomia e Bibliologia).

Mas era a partir de uma discussão direta desses autores que se fazia necessário desenvolver a comparação dos pontos de vista e não embasados apenas no conhecimento livresco de suas obras. O método empregado visava a obtenção, sintética e progressivamente, de um consenso em torno de certos conceitos fundamentais, vencendo as inevitáveis contradições provocadas por esse tipo de reuniões.

Os resumos das discussões, as tomadas de posição e o número 14 de SCHEMA ET SCHEMATISATION são fases desse método.

Chamamos a atenção do leitor para a importância desta tentativa: o futuro científico e pedagógico depende, em grande parte, da constituição de grupos coerentes em disciplinas específicas.

3. Método: aplicação de um sistema pessoal de pesquisa

Nas páginas seguintes, tentaremos aplicar uma metodologia que faça intervir sistematicamente todos os

pontos do método utilizado. Além de servir aos estudantes, a metodologia empregada coloca-se como objeto de debate e polêmica.

Procederemos por níveis:

- 1º) Procuraremos definir os fenômenos, objeto de nossas discussões (o escrito e o documento), a partir das informações comuns do Grupo;
- 2º) buscaremos recolocar esses fenômenos nos circuitos de comunicação de que fazem parte. Tratar-se-á de uma análise de sociologia corporativa e profissional. Aqui, freqüentemente, se esbarra na interpretação liberal, cuja insuficiência científica mostramos em nosso artigo publicado no INFORCOM 2 (4);
- 3º) para compreensão dos circuitos do escrito e do documento, adotaremos a explicação da sociologia marxista geral;
- 4º) a análise estrutural será completada pela perspectiva histórica, que situará o atual estado dos circuitos;
- 5º) depois de examinar esta questão sob ângulos diversificados, tentaremos obter a síntese científica, limitando as relações da bibliologia e da documentologia;
- 6º) poderemos abordar, então, a aplicação dos princípios acima desenvolvidos no campo da pedagogia;
- 7º) para concluir, restará a interrogação sobre os processos mentais e os esquemas utilizados. Atingiremos, aqui, o plano epistemológico.

Ao longo de todo esse processo, procuraremos desenvolver os sistemas dialeticamente contraditórios e complementares do escrito e do documento.

4. Fenômeno: escrito e documento — 1º nível

Nas discussões do Grupo, logo se manifestaram duas escolas com pontos de vista divergentes, em princípio, e que passaram a se convergir progressivamente. Duas diferenças se evidenciavam: de perspectivas e de fenômenos estudados.

Para os bibliólogos, o escrito é o produto da expressão da subjetividade humana, através de um sistema de signos ou escrita. A escrita pode ser ideográfica ou fonética e indexada na língua, espécie de código aprendido — e conseqüentemente social — fixo num suporte definitivo qualquer, variável em função da evolução econômica, científica e técnica das sociedades. A isso, acrescenta-se a reprodução, visando a multiplicação dos exemplares, função do impressor e do editor.

Esse critério tornou-se fundamental na França após Louise-Noelle MALCLÈS. Através dele, J. BRETON foi levado a dissociar o escrito/manuscrito do escrito/impresso, único susceptível de ser o objeto da bibliologia. Apesar dessas divergências, os bibliólogos são unânimes em considerar como **documento** toda mensagem fixa manuscrita, impressa.

Mas o ponto de vista da documentação e da informação é outro. Tanto para J. MEYRIAT como para P. ALBERT, um **documento** só existe como tal a partir do instante em que encontra seu usuário. Antes disso, não é um documento. Um jornal em si não é um documento; passa a sê-lo, no momento em que alguém o procura e o utiliza, em busca de uma informação e para dar um tratamento a essa informação.

A ótica da documentação é, portanto, contrária àquela da bibliologia. A primeira fundamenta-se sobre o consumo e a utilização do documento; a outra, sobre sua criação. Essa contradição foi resolvida pelo Grupo de estudos com a aceitação do ponto de vista da informação,

por parte dos bibliólogos. A competência dos especialistas nas áreas discutidas se impõe àqueles que lhes são alheios.

Observemos que ela corresponde ao sentido geralmente dado pelos dicionários à palavra documento. Segundo Littré: «aquilo que ensina ou informa...». Mas esse ponto de vista se opõe também ao sentido corrente, quando se identifica como documento um texto manuscrito ou impresso. A posição de OTLET, que falava do livro ou documento, está assim também desatualizada. Essa concordância introduzirá diferentes concepções da bibliologia e da documentologia.

A divergência inicial, contudo, merece explicações.

As duas concepções deixam transparecer duas filosofias diferentes do fenômeno estudado e da comunicação em sentido mais abrangente: uma essencialista e idealista e a outra nominalista e pragmática.

No mundo bibliológico, o autor inscreve suas idéias num texto manuscrito que será eventualmente reproduzido. O conhecimento é inscrito através de signos escritos, num suporte. O texto passa a existir com seus fins de comunicação à distância, completando o discurso verbal — que se perde facilmente — e retém em si as idéias a transmitir. A melhor prova é que, conhecendo o mesmo código social, o receptor poderá decifrá-lo. Lembramos que existe, a partir daí, uma série de estudos que vão de Humbolt a Roubakine (psicologia bibliológica) sobre os processos de transmissão e decifração. Uma concepção como essa é essencialista: o conhecimento implícito no texto. P. ALBERT dirá que ele está ali memorizado.

Já a perspectiva da documentação é bem outra. O escrito pode ser conservado nos depósitos dos arquivos e nas bibliotecas. Contudo, só existe como documento graças ao receptor que, ao utilizá-lo, extrai dele a infor-

mação, isto é, o conhecimento útil. Não existe conhecimento fixo em si. O conhecimento só existe no tempo momentâneo da decifração e da utilização do documento. Esta concepção é bastante nominalista no sentido da crítica medieval dos universalistas. Só existe conhecimento para si próprio.

As duas perspectivas conduzem a dois sistemas filosóficos diferentes: num caso, idealismo; em outro, pragmatismo. Observemos sua correspondência com as psicologias dominantes nos meios sócio-profissionais do escrito e do documento.

O escrito e o documento devem ser levados em conta pela diferença de perspectiva, bem como dos fenômenos estudados. O documento não se identifica com o escrito; seu universo é de maior alcance. É constituído de todo suporte sobre o qual se inscreve — de uma ou outra maneira — uma informação que encontra seu usuário. Reencontramos aqui a antiga posição de OTOLET sobre a qual fundamentamos nossa teoria em «Esquemas para a bibliologia». Intervêm quatro conceitos: as noções dos signos fugitivos e fixos e dos signos escritos e inscritos. Todo signo que não tem uma realidade objetiva durável, que não é uma «coisa», depende da linguagem fugitiva escrita, gestual... Citemos como exemplo a palavra em comparação com o disco. O Grupo se colocou rapidamente de acordo sobre a distinção entre o signo inscrito e o escrito, ambos signos fixos. Primeiramente, a expressão se torna objetivamente durável pela sua fixação na «coisa» e a partir daí torna-se independente de seu emissor. O critério da natureza da fixação permite separar o escrito do inscrito, logicamente. Como já dissemos, o escrito se baseia na existência de um sistema de signos aprendidos e no espírito do emissor; serve de traço de união entre o suporte e as idéias que ele quer fixar ou os sons que os exprimem. A escrita é, então, um

«relais» mental, subjetivo, que adquire sua objetividade a partir da ação manuscrita que o acompanha.

Já o inscrito é uma outra coisa, (adentrado), referente ao conjunto dos meios de fixação mecânica, química, eletrônica, das manifestações objetivas do emissor — consideradas total ou isoladamente. Através do disco, grava-se a voz; pela fotografia ou pelo filme mudo, obtemos a aparência física instantânea ou reproduzida num determinado espaço de tempo; pelo filme sonoro, obtem-se ambos.

Esta distinção entre o escrito e o inscrito permanece lógica, contudo, como observou J. GUENOT. Existem, com efeito, categorias intermediárias de mensagens: os filmes com sub-títulos, por exemplo. Nessas condições, é preciso considerar o estudo em três séries de mensagens: o escrito, o inscrito; e o escrito e o inscrito. Desde que eles encontrem seu usuário à procura de informação, são documentos.

Percebe-se, agora, a complexidade da relação escrito/documento. O escrito é apenas uma parte dos documentos possíveis, aos quais é preciso ajuntar-se o inscrito e o inscrito-escrito. Por outro lado, escapa à situação de documento, enquanto ainda não tiver encontrado quem o utilize.

Resumimos esses resultados no quadro nº 1:

Concluindo, pela primeira vez presenciamos duas concepções duplamente contraditórias:

- I. A criação da mensagem fixa conduz a uma posição essencialista. O conhecimento é considerado como memorizado, seja ele fixado por um código mental aprendido, a escrita, seja por um processo físico, químico ou eletrônico de gravação. Nesse nível existem mensagens fixas, não documentos.

QUADRO 1
O ESCRITO, O INSCRITO E O DOCUMENTO

Atitude frente a mensagem	Filosofia	Epistemologia	M E N S A G E M			
			Fixa, sistema de fixação			Fugitiva
			Código mental aprendido a partir dos sistemas de signos fixos		Processo físico, químico, eletrônico de fixação	
Criação	Essencialismo	Conhecimentos memorizados	Escrito	Escrito-inscrito	Inscrito	
Utilização	Pragmatismo, nominalismo	Conhecimentos úteis				

- II. A utilização da mensagem fixa, escrita, escrita-inscrita, inscrita, se baseia numa perspectiva nominalista e pragmática. Considera-se o conhecimento no momento em que é levado em conta por um usuário, que valoriza a mensagem fixa, transformando-a num documento.

Este esclarecimento é fundamental. Corresponde à observação, tanto quanto às idéias emitidas pelos especialistas do Grupo. Ele encerra o raciocínio geral que sucedeu a esse estudo. Mas é insatisfatório. Constatamos diferenças; não as explicamos. Do fenômeno, somos reenviados ao circuito de comunicação que o originou.

5. Circuitos corporativos do escrito e do documento — 2º nível

As concepções precedentes não são dados em si; são a projeção ideológica sobre os fenômenos estudados, com práticas diferentes. Da mensagem é preciso voltar ao canal. Reencontramos a análise comunicacional. Mas esta seria insuficiente em seu formalismo. Devemos situar o canal no meio psico-econômico que o criou e o utiliza. É necessário recorrer, então, à sociologia corporativa ou profissional. Tal procedimento foi utilizado em várias reuniões do nosso Grupo. Porém, nunca a análise foi empreendida sistematicamente. É o que tentaremos aqui desenvolver. Examinaremos sucessivamente os quadros sócio-profissionais, suas finalidades e interrelações. Encontraremos então sua complementaridade contraditória.

Uma observação preliminar: a vida social contemporânea demonstra a diferença entre os dois circuitos — do escrito e do documento.

O circuito do escrito é constituído em torno da edição, correspondendo a uma indústria cultural distinta. Nas estatísticas econômicas do país e do mundo, figura como uma categoria independente, tal como energia, siderurgia, indústrias mecânicas, alimentícias, etc. Dai a originalidade dos estudos de M. M. MIÈGE e sobretudo de A. MATTELART. Dai, também, a projeção — efetuada a nível do livro — de categorias econômicas: concepção, produção, distribuição, consumo. Observamos, portanto, a especificidade do escrito, onde a noção de consumidor é transformada na de **leitor**, que não destroi o produto adquirido.

O circuito do documento integra-se à vida social, econômica, política, militar, científica... Quase sempre é dependente. Sua missão é a de fornecer informações necessárias à vida da sociedade em questão. Assim, está situado na problemática econômica e social, cujo objetivo é a de produção e/ou distribuição de mercadorias e/ou serviços. A atividade da empresa baseia-se na resolução de problemas concernentes aos objetivos. A problemática é composta de diversas fases:

- a descoberta de uma dificuldade;
- a procura de um balanço da situação (fatos, causas, conseqüências);
- a busca de soluções, decisões, aplicação, controle.

Quando se descobre um problema, antes de imaginar soluções, é preciso colher dados e informações, tanto sobre os fatos, quanto sobre as soluções possíveis. Esta é a fase de informação. Quando o empreendimento é importante e os fenômenos numerosos, a rapidez de intervenção é prioritária e torna-se imprescindível um serviço de documentação. Este processo é fundamental, mas limi-

tado ao fornecimento de conhecimentos úteis, da renovação da criação econômica e social, ou seja, cultural e editorial.

Assim, ambos os circuitos — do escrito e do documento — intervêm nos dois setores diferentes e contraditórios: a transferência do conhecimento escrito passa pela estrutura econômica da edição; a renovação econômica e social da atividade empresarial passa pela intervenção da informação, graças a um serviço de documentação.

A diferença dos dois circuitos traz a questão de suas origens e de seus objetivos. Devemos apresentar aqui as finalidades que subentendem as duas atividades. Encontramos, então, as noções de **lazer** e **trabalho**, aliás bastante conhecidas a partir das pesquisas sociológicas que as situaram. Essas noções exigem a intervenção de uma série de valores: de um lado, gratuidade e cultura; de outro, utilidade. É preciso ressaltar que essa dicotomia é brutal e que os dois tipos de atividades freqüentemente se interpenetram. Entretanto, elas se correspondem claramente em fases distintas, no tempo social e no individual.

O leitor que lê em seu tempo livre, fora do trabalho, o faz pelo seu prazer pessoal, como atividade pessoal: seja para relaxamento, aquisição de cultura ou de conhecimento. O leitor é um fim objetivado. A obra é resultado do circuito do escrito e da edição. Quando julga que o livro foi lido, ele fecha-o e recoloca-o na estante.

Esse mesmo leitor, como documentalista em uma empresa, tem um comportamento diferente face às mensagens fixas transformadas em documentos. O documentalista é apenas um elemento de contato intermediário. Não busca informação para seu prazer pessoal, mas porque a informação lhe foi solicitada. A informação deve ser tra-

tada de acordo com os diversos métodos, para que se torne útil.

Aqui, mais uma vez, as finalidades são contraditórias e complementares. O escrito e o circuito econômico da edição ligam-se principalmente à atividade de lazer; o documento e o serviço de documentação, encarregado da informação, dizem respeito à atividade de trabalho.

Se bem que esses dois circuitos sejam diferentes, eles se interpenetram, tomando emprestado mutuamente seus meios e seus produtos.

A função do autor evoluiu bastante, embora subsista o encadeamento do autor ao leitor. Mas o canal editorial contemporâneo tornou-se majoritário, como sublinharam J. GUENOT e J.-M. BOUVAIST (75% das publicações, na França). Através do **marketing**, o editor interroga o leitor, cujas respostas são transmitidas ao autor/redator; o texto pode ser eventualmente modificado, antes da impressão. O autor tem uma parte criativa que se mantém em seu trabalho, seguramente. Mas a documentação e a informação têm assumido papel cada vez mais importante. A informação pode ser encontrada em livrarias, bibliotecas, serviços de documentação. Antes da criação literária está o documento, do qual se pode extrair o conhecimento útil.

Numa empresa, o circuito da documentação se insere no circuito editorial para selecionar os documentos necessários à informação procurada. As discussões do Grupo mostraram que, depois da impressão, o circuito documentário se abastece junto ao editor, ao livreiro e ao bibliotecário.

Após a coleta e a classificação, o documentalista se insere na criação e na edição. Uma rede editorial secundária se estabelece dentro da empresa, por meio de: tratamento da informação; redação de textos, intervindo-se os diferentes gêneros literários da empresa (processo verbal,

compte-rendu, notas de informação, relatório, estudo . . .); impressão desses textos, através do serviço impressor da própria empresa; distribuição pelos diversos circuitos, que é preciso organizar, etc., etc..

Não importa quais sejam os empréstimos, eles são adaptados às necessidades. O autor, deixando intervir a documentação, une seu talento à imaginação; a obra impressa faz intervir os processos gráficos de impressão e de distribuição particulares, correspondendo às necessidades de atrair o cliente. O redator documentalista deve fornecer, essencialmente, a informação exata, dentro dos gêneros literários particulares, de conformidade com os processos redacionais e gráficos esquemáticos, adaptados à comunicação rápida. Os textos não têm necessidade de agradar da mesma maneira. Os serviços de impressão e de distribuição são organizados de uma maneira diferente.

O circuito da edição, que era concernente ao livro, alargou-se, posteriormente, abrangendo as publicações periódicas. Recentemente, abriu-se a outras mensagens fixas além dos escritos: cassetes, discos, etc. A edição produz hoje diversas categorias de mensagens fixas, suscetíveis de se transformarem em documentos.

Preponderância do escrito nos serviços de documentação: se colocarmos de lado determinados serviços de documentação especializada e os novos bancos de dados tratados por computador, devemos ressaltar que o **escrito** — sobretudo periódico — permanece dominante na informação para a empresa. Dessa forma, ao fim desta análise dos dois circuitos, somos forçados a reconhecer que eles são sistematicamente contraditórios e complementares. O circuito editorial passa do escrito às outras mensagens inscritas. Desenvolve-se como um vasto serviço de documentação do leitor e constitui um setor econômico próprio, estabelecendo-se num circuito de comunicação

cuja dominante é extra — trabalho — lazer e gratuidade. Inversamente, o circuito da documentação, interessando-se particularmente por periódicos e outros tipos de mensagens fixas, insere-se em outras estruturas editoriais e distributivas (livraria, biblioteca) para se aprovisionar. Ele se organiza em estrutura editorial de empresa, enquadrando-se no tratamento dos problemas ao nível da informação e respondendo a uma necessidade de comunicação privada, dominada pelo conhecimento útil.

Este estudo é, portanto, esclarecedor. Explica as diferentes posições sobre o escrito e o documento. Descreve dois circuitos complementares. Mas não é satisfatório. A oposição não é explicada. Convém elevar o nível de reflexão para tentar encontrar uma unidade que especifique os dois circuitos. É necessário passar à perspectiva da sociologia geral: escrito, documento e sociedade.

Devemos concluir com algumas observações:

- a análise dos circuitos do escrito e do documento foi essencialmente corporativa; corresponde à antiga perspectiva da sociologia da comunicação (cf. R. ESCARPIT: **A sociologia da literatura; o escrito e a comunicação**) e situa-se ao nível psicoprofissional, evitando a colocação do problema das funções sócio-políticas desses circuitos; exprime uma abordagem liberal, formalista, tecnicista da comunicação.

Nota-se a insuficiência da explicação. Ela requer, enfim, uma tomada de posição globalizante e marxista. Percorrido esse caminho, passaremos de um esquema horizontal dos circuitos comunicacionais a um esquema vertical, dedutivo e posicionante. Reencontraremos, assim, o nível do escrito e do documento, e de acordo com um outro processo, a perspectiva do esquema bibliológico.

QUADRO 2

OS CIRCUITOS CONTRADITÓRIOS DO ESCRITO E DO DOCUMENTO

CRITÉRIOS	ESCRITO	DOCUMENTO
Circuitos corporativos	— Indústria editorial	— Serviço da empresa — Informação e problemática
FINALIDADE	LAZER	TRABALHO
Concepção do conhecimento	— Memorizado — Gratuito	— Transmitido — Útil
Setores de atividade	— Cultura	— Economia . . .
Meios	— Informação na criação	— Edição na empresa
Produtos	— Abertura em direção ao audiovisual	— Prioridade do escrito

6. Dialética da superestrutura intelectual — 3º nível

A relação escrito-documento-sociedade deve objetivar, além das contradições observadas no primeiro e no segundo níveis deste estudo, explicá-las pela intervenção de uma causalidade comum. Dispomos de uma teoria marxista para o escrito (cf. **Esquema para a Bibliologia — um sociocrata**). O presente estudo conduzirá à sua ampliação. A partir da dialética da superestrutura ideológica, seremos levados a revelar a dialética da infraestrutura econômica e social; depois, desenvolveremos o circuito da superestrutura ideológica no conjunto da realidade social de lazer e de trabalho.

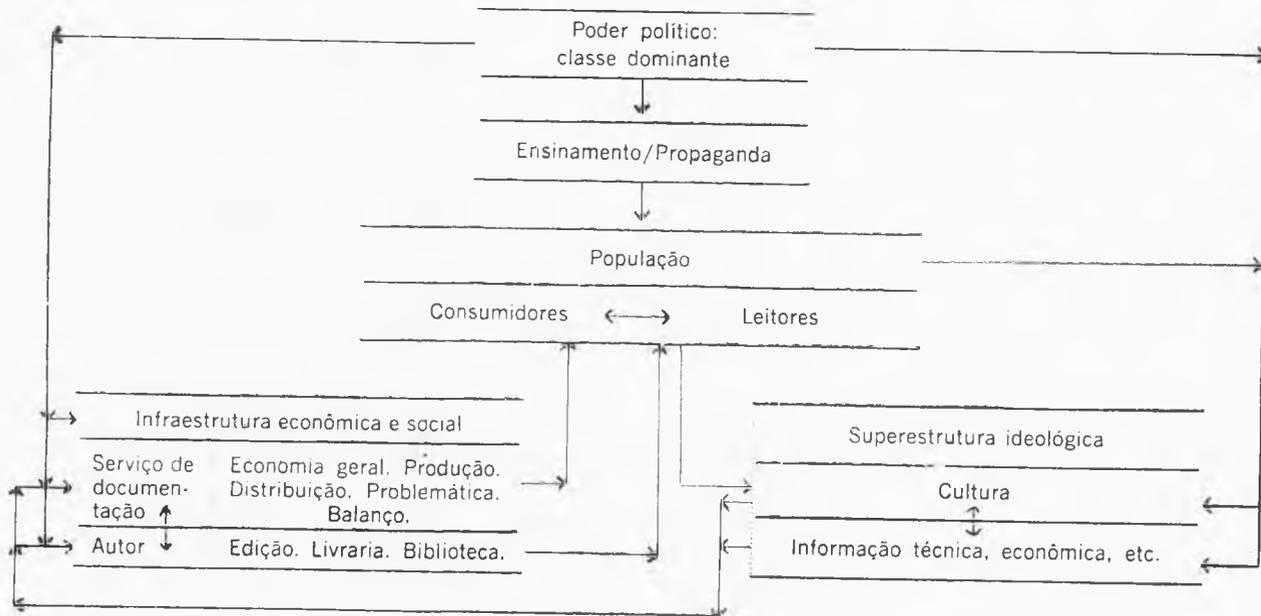
Convém lembrar as grandes linhas de uma teoria que remonta aos anos 75. Pode-se considerar que, num espaço geográfico definido, uma população, para sobreviver

— tendo uma história comum — é conduzida a produzir e a consumir bens econômicos. Essa produção se efetua graças a uma divisão da sociedade em classes sociais, permitindo diferentes interesses. O confronto dessas classes visa à posse de poderes, ou seja, à possibilidade de organizar a vida social em função dos interesses da classe preponderante. Assim, o poder divide a sociedade em classes dominante e dominada. A classe dominante age em diversos planos e sobretudo sobre o plano ideológico. Ela procurará criar e manter um circuito de acordo com seus interesses: um circuito conformista. Isto será obtido formando-se a população através do ensino e pela propaganda ao nível dos meios de informação: ela agirá ao nível dos autores através de uma política promocional — títulos honoríficos, prêmios, etc. Ela organizará o circuito de transferência da ideologia no plano econômico, pela regulamentação da edição.

As classes dominadas, por seu lado, realizam o mesmo. Criam um circuito ideológico de oposição e de vanguarda. Procuram desenvolvê-lo para provocar o fracasso do circuito conformista na população, subvertendo a ordem de penetração das idéias, em seu benefício. O exemplo do Século das Luzes, na França, é bastante esclarecedor. As classes dominantes procuraram romper o canal de comunicação aopositor, instituindo a censura.

Essa teoria, nascida de nossas pesquisas e explicando-as, coloca o problema da renovação das ideologias conformistas e anticonformistas em relação direta com a luta de classes, porém num setor especializado. Ela integra o circuito horizontal e corporativo do escrito num esquema sócio-político vertical, que permite melhor compreensão de seus mecanismos. Vem esclarecer, enfim um dos elementos contraditórios analisados anteriormente: o papel da infraestrutura econômica editorial no circuito da superestrutura ideológica.

QUADRO 3
SOCIOLOGIA MARXISTA COMPARADA DOS CIRCUITOS DO ESCRITO E DO DOCUMENTO



A teoria precedente deve ser ampliada com a aplicação da infraestrutura econômica geral. As classes dominantes não podem intervir apenas no plano ideológico. Devem organizar fundamentalmente a vida econômica e social. Elas regulamentam, assim, a edição e todos os setores sociais. Estes, por sua vez, não podem se desenvolver e se renovar sem encontrar novos produtos para os quais a problemática de sua criação faça intervir uma fase preliminar de informação, correspondendo a um circuito utilitário e de trabalho: o circuito da documentação. Devemos observar que este último é de natureza essencialmente conformista e só poderá tornar-se anticonformista e oposicionista dentro de um circuito econômico e social de oposição: um serviço de documentação de um partido contestador, por exemplo.

As contradições antitéticas dos circuitos do escrito e do documento encontram uma explicação à luz da teoria da infraestrutura econômica e da superestrutura ideológica. A renovação da ideologia na população dos leitores passa pela intervenção do plano econômico ao editorial. Inversamente, a renovação econômica das mercadorias, passa pela intervenção da superestrutura intelectual ao nível da informação e da documentação na empresa.

Mas essa combinação social da infraestrutura e da superestrutura pode ser abordada de outra maneira, complementar: reagrupa-se tudo que diz respeito à infraestrutura e tudo que depende da superestrutura. Assim, ao nível da infraestrutura econômica, vai-se reagrupar — o que já foi feito — a indústria editorial com os outros setores econômicos, arriscando-se a salientar suas constantes e diferenças.

Da mesma forma — e trata-se da originalidade deste estudo — pode-se extrair a existência de um circuito superestrutural global, agindo pelo escrito ao nível do lazer,

da cultura e da gratuidade e pelo documento no plano do trabalho e da utilidade. Esta rede é composta de duas partes que, embora distintas, não são isoladas, mas interpenetradas: como já foi visto, a documentação serve à criação literária e a edição serve à documentação. Há, então, uma dupla rede superestrutural do escrito e do documento, cujos elementos estão interrelacionados, atuando no conjunto da população.

Citamos um exemplo: a contestação da energia atômica permite a criação de obras que são lidas no tempo de lazer. Mas, para uma organização como a E.D.F.*, é conveniente encarar essa crítica procurando, por exemplo, novas possibilidades de exploração energética, como a solar. A E.D.F. necessitará, então, de um serviço de documentação que, entre outras atividades, comprará o livro editado. Por sua vez, o lançamento da energia solar provocará uma reação na consciência do leitor, que terá tendência a anular a argumentação da obra lida anteriormente. Assim, a rede infraestrutural neste nível do problema compõe-se, ao menos, de duas sub-redes de **lazer** e de **trabalho**, que reagem uma sobre a outra. Com respeito a esta questão, ainda estão por ser efetuados estudos que aprofundem essa relação.

Se essa explicação dedutiva parece esclarecer bem a unidade superestrutural, intervindo em dois setores ideológico-econômico e social, trata-se, entretanto, de uma análise estrutural que evidencia a atualidade das sociedades industriais. Surge, então, uma nova pergunta: quando e como é constituída e desenvolvida essa rede superestrutural contraditória e complementar do escrito e do documento?

* E.D.F.: empresa francesa encarregada da exploração do setor energético, correspondendo, no Brasil, às subsidiárias da ELETROBRÁS, como a CEMIG, por exemplo.

7. Evolução comparada dos circuitos do escrito e do documento — 4º nível

Os circuitos culturais e informacionais de empresa não existiram sempre da mesma maneira. O estudo comparado da sua história foi levado em conta pelo Grupo de trabalho. Várias observações feitas em ocasiões diversas serão aqui utilizadas. A teoria econômica de uma maneira geral interfere para esclarecimento histórico da evolução das relações de importância e de sucessão entre os circuitos. A documentação apareceu estreitamente ligada ao desenvolvimento da sociedade industrial moderna.

Parece-nos possível, agora, a formulação da hipótese seguinte: os circuitos **cultural** e **informacional** existem em qualquer sociedade; sua importância relativa deve corresponder com a natureza do sistema de produção e a evolução econômica.

Na Antigüidade, Idade Média, Período monárquico, o circuito do escrito é preponderante mesmo se a produção — que evolui bastante — permanece escassa. O esquema antigo parte do autor, orientando-se em direção ao leitor. Um estudo sobre os mapas de Paris, por exemplo, nos confirmou isso, recentemente. (4)

Em fins do século XIX — por volta dos anos 1880-1890 — o documento, que já ganhava importância, institucionaliza-se. OTLET, em 1888, funda o Instituto Internacional de Bibliografia, futura F.I.D.

Pode-se, então, presumir que uma sociedade tradicional agrícola, artesanal, com uma população limitada, tem necessidades de comunicação relativamente escassas, por meios lentos e um sistema essencialmente escrito. A documentação existe sobretudo nas administrações, mas não assumiu ainda um papel importante.

Ao contrário, numa sociedade liberal e capitalista, onde a indústria desempenha um papel cada vez mais pressionante e onde ocorre uma rápida expansão demo-

gráfica, as necessidades de comunicação crescem em número, em exigência de rapidez e em precisão. Assim, as grandes empresas assistem ao aparecimento e desenvolvimento de uma necessidade de informação, que será atendida pela criação de serviços de documentação. Essas hipóteses permitem o entendimento do caráter idealista e pragmático dos dois circuitos, bem como do importante papel dos países anglo-saxões na documentação, a nível internacional.

A análise histórica permite, assim, explicar a situação atual dos documentos, bem como seus antecedentes, além de prever, numa certa medida, seu futuro: sobretudo o papel dos bancos de dados e do computador.

8. **Bibliologia e documentologia** — 5º nível

A análise anterior reconduz a uma teorização geral. Esta última é necessária sob vários pontos de vista: para compreender o objeto das pesquisas e das atividades; para fazer progredir a teoria da comunicação; visando as conseqüências pedagógicas que nos concernem.

Esta mesma teorização é, entretanto, necessária para os bibliólogos; e de utilidade discutível para as pessoas preocupadas com a documentação ou para aquelas que abordam o escrito e o documento a partir de uma perspectiva global e sócio-política da cultura. Nesses dois últimos casos, nossa tendência é a de privilegiar conceitos de documentação e de sociologia. Devemos justificar, portanto, essa nossa conduta.

O bloqueio dos documentalistas frente à documentologia parece esclarecer, inicialmente, o caráter pragmático e utilitário da documentação. O que acrescentará uma teoria de documentologia? Não será uma teorização inútil? Por outro lado, a definição das duas ciências não será extraída — a partir de uma iniciativa bibliológica — desse espírito idealista ressaltado pelo esquema da cadeia do «escrito»?

Se as duas condutas assim se explicam, é preciso abordar a fase da teorização científica, se formos sensíveis ao progresso das ciências da informação e da comunicação. Aliás, parece ser nessa perspectiva que J. MEYRIAT colocava esse problema.

Em nosso Grupo de trabalho, foram expressos vários pontos de vista que se tornaram objeto de tomadas de posição sobre a bibliologia. J. BRETON definiu a bibliologia a partir do escrito bibliológico fundado no sistema editorial. A bibliologia se ocupa do escrito reproduzido, visando a um determinado público, graças aos exemplares de sua tiragem. Nessa perspectiva coerente, o manuscrito pode ser bibliológico, desde que esteja realizado (impresso/reproduzido). O texto manuscrito, produzido em um só exemplar — como uma carta a um amigo — não será objeto da bibliologia.

J. MEYRIAT, por sua vez, parece hesitar duplamente: poderia se conceber, então, que a bibliologia se ocupa do livro, enquanto os outros impressos são objeto da documentologia.

É bem evidente a abertura dessa discussão sobre o objeto da bibliologia — com a qual estamos pessoalmente satisfeitos, pois preenche um dos objetivos traçados por nosso Grupo. Como também é evidente que há uma divergência entre os vários pontos de vista, pois eles se apoiam em critérios diferentes.

Em diversas obras recentes, tivemos a oportunidade de fazer um levantamento dos critérios que intervêm na definição do livro e do escrito, em geral. Lembremos alguns entre eles, que podem ser de utilização neste estudo:

1. **O sistema de signos:** sintético-ideográfico, analítico; fonetismo, consonantismo, alfabetismo...;
2. **Suporte de impressão:** papiro; pergaminho; papel; plástico; filme...;

3. **Processo de inscrição:** manuscrito; xilografia; fotocomposição...;
4. **Forma:** volumen, codex...;
5. **Volume:** *travaux de ville* ou bilboquê*; folheto; livro...;
6. **Redação:** autor, escritor, datilógrafos, revisores...;
7. **Promotor da produção:** livreiro-copista; livreiro-impressor; editor.

A definição de bibliologia pressupõe uma escolha preliminar de um critério de referência. Observemos, primeiramente, que toda ciência é definida pelo fenômeno que estuda e que a diferencia das outras ciências. A biologia estuda os fenômenos da vida; a psicologia, os fenômenos do espírito; a sociologia, os fenômenos sociais. Em seguida, constatamos que todo sistema de comunicação está embasado sobre o fenômeno que ele comporta, a partir do seu critério de referência, ou seja, um desenvolvimento ao mesmo tempo dialético e sistemático. Os outros critérios intervêm justamente porque o escrito se fundamenta sobre um sistema de signos fixos, convencionais, aprendidos, permitindo a fixação do pensamento. É preciso ser fixado em qualquer coisa (suporte de impressão). É preciso fixar com os meios (**processos de inscrição**). É preciso ser fixo sobre um **suporte** com uma determinada **forma**. É necessário fazê-lo sobre uma determinada superfície (**volume**). É preciso, ainda, que alguém os redija (**redação**) e que alguém tome a iniciativa de reproduzi-lo (**promoção da produção**) etc.

Para uma ciência, é essencial a resposta ao «**o que**». O critério de referência possibilita recobrir todo o campo de estudos. A bibliologia, para nós, se define pelo critério

* Publicação não periódica, de menos de 5 páginas.

do escrito, da escrita, do sistema de signos, seja qual for o suporte, a inscrição, a forma, o volume, a periodicidade... A bibliologia estuda o escrito.

A utilização de um critério secundário — em sua totalidade ou em uma de suas partes — exclui setores inteiros do escrito de toda ciência da comunicação. J. BRETON adota, assim, o critério editorial (reprodução). Todos os textos escritos em um só exemplar, não visando a impressão, não fazem parte da bibliologia. Fazem parte, então, de que ciência da comunicação?

A escolha do critério da forma (livro), na qual J. MEYRIAT se baseia, recai no mesmo resultado: que ciência considera o bilboquê, o folheto? A partir de onde o **livro** é considerado como tal?

Por definição, parece que apenas o critério respondendo à questão «o que», isto é, que fenômeno a bibliologia estuda, é suscetível de ser utilizado. Trata-se, circunstancialmente, do sistema de signos fixos da escrita. A bibliologia é a ciência do escrito. Sob este ponto de vista, nossa visão permanece imutável. A partir desse critério, podem-se multiplicar as divisões em função de critérios secundários: bibliologia do manuscrito e do impresso; bibliologia do bilboquê, do folheto ou do livro; bibliologia do livro ou do periódico, etc... Em todos os casos, trata-se de abranger a cadeia de criação do escrito.

As discussões e as tomadas de posição do Grupo, quase sempre hesitantes, exigem esclarecimentos. Mas são inovadoras. A concepção de OTLET parece hoje desatualizada. J. MEYRIAT hesita entre as antigas e as novas interpretações sobre a diferença entre documentos e documentação. Será que a documentologia se ocuparia das mensagens fixas **escrita, inscrita** ou **escrita/inscrita**? Ou ela se encarregaria das mensagens que tivessem encontrado seu usuário? A primeira hipótese — aceita ao longo de muito tempo — é contraditória com a aceitação inicial

do documento correspondendo ao segundo sentido e à prática documentária. Parece, então, que a documentologia definitivamente não se incumbe do canal primário de criação das mensagens fixas, mas do canal secundário de sua utilização.

A partir de agora, podemos nos situar em presença de uma situação combinatória que possibilita duas séries de dois critérios:

- a natureza escrita ou inscrita (física, química, eletrônica) do conhecimento registrado sobre um suporte;
- o canal primário de criação e o canal secundário da utilização da mensagem.

Esta combinação nos permite posicionar esquematicamente a bibliologia e a documentologia.

QUADRO 4
BIBLIOLOGIA E DOCUMENTOLOGIA

Mensagem Finalidade	Escrito	Inscrito		
CRIAÇÃO canal primário	Bibliologia	Discologia	Filmologia
UTILIZAÇÃO canal secundário	Documentologia			

Em consequência dessa combinação, a Bibliologia, ciência do escrito (e não ciência do escrito impresso ou ciência do livro) abrange todo o canal primário de criação. Ampliando essa consequência às ciências do inscrito, pode-se falar de discologia, filmologia, magnetofonologia, magnetoscopia, etc. . . .

Prosseguindo essa reflexão, a documentologia, ciência do documento (ou seja, de um suporte portador de uma informação utilizada num canal secundário de utilização) recobrirá o escrito e o inscrito apenas a nível do canal secundário.

A documentologia não compreenderia mais a bibliologia como subdivisão, nem tão pouco as ciências do inscrito. Ela lhe é exterior e posterior. Uma tal posição, que parece nova, permite uma melhor compreensão das realidades distintas, tanto profissionais quanto pedagógicas, conforme podemos observar na atual realidade social.

Logicamente distintas, as duas disciplinas estão, contudo, em interpenetração. Por um lado, a bibliologia intervéem no campo da documentologia desde que o canal secundário seja criador de escritos. Por outro lado, a documentologia interfere no campo da bibliologia, desde que haja utilização de suportes escritos, no canal primário, objetivando **informar**, como é o caso do exemplo citado por J. GUENOT, da transformação do critério literário em documentação, para o público no interior do sistema editorial.

9. **Bibliologia, documentologia e pedagogia — 6º nível**

O conjunto dos trabalhos precedentes — da definição dos fenômenos do escrito e do documento às ciências que deles se ocupam, passando pelos circuitos corporativos — as funções sócio-políticas e a evolução histórica — nos explicam a realidade do ensinamento do livro e da documentação na França, hoje. Em torno do escrito se agrupam os ensinamentos fragmentários ou gerais: ensino literário das universidades, abrindo-se sobre a cultura e a atividade redacional; ensinamentos profissionais da ASFODEL (Association Nationale pour le Développement de la Formation des Professionnels dans le Métier des Librairies et de la Papeterie) e da ASFORED (Association Nationale pour le

Développement de la Formation des Professionnels dans le Métier de l'Édition) ao *Cercle de la Librairie* para o setor editorial e comercial; *École des Chartes*; *ENSB* (*École Nationale Supérieure des Bibliothécaires*); *Centros Regionaux de Formation para as Bibliotecas*; *UER-SEC* (*Departamento de Edição Imprensa e Audiovisual da Universidade de Paris 13*), para edição; ensino das técnicas do livro, na *Universidade de Bordeaux 3*, para o conjunto da cadeia bibliológica*, previsto para os três ciclos de estudo.

Globais ou específicos, estatais ou corporatistas, essas diversas categorias de ensino se explicam pela realidade atual e histórica do sistema liberal aplicado à vida do escrito. Esta mesma causa deixa ver também a distinção feita entre o ensinamento do escrito e da documentação, um concernente ao canal primário de criação, lazer e cultura, e o outro, referente ao canal secundário de utilização interna na empresa. A nova orientação da pedagogia em nossas disciplinas, a partir de nossas reuniões e do presente trabalho, deverá passar do isolamento ao estabelecimento de interrelações, correspondendo à situação de antítese complementar que foi desenvolvida a partir da análise dos dois circuitos do escrito e do documento. Justamente porque eles abrangem duas zonas distintas da comunicação, é necessário que prossigam os ensinamentos criados para responder às práticas. Mas, considerando que a documentação trabalha tanto com o escrito quanto com o inscrito, tanto com os periódicos quanto com o livro e que o tratamento da informação conduz à criação de uma cadeia do escrito de comunicação, é, então, bastante útil que essa cadeia encontre, no ensino do escrito, as matérias dessa pedagogia — história da escrita, da imprensa, do livro, dos meios audiovisuais; editoração; técnicas gráficas, etc. . . .).

* Ver «Schéma et Schématisation» nº 7 e 10.

Por outro lado, considerando que a criação do escrito é parte imprescindível da documentação, convém renovar o ensino do livro através da introdução do aprendizado de determinadas técnicas documentárias.

Em todos os casos, essa interrelação pedagógica deve visar também a integração das matérias úteis e a previsão das adaptações necessárias aos circuitos corporativos diferentes. Concluindo, percebe-se quanto era necessário o debate sobre o escrito e o documento, atingindo o nível mais elevado das relações entre a bibliologia e a documentologia, pelas conseqüências que ele introduz no plano pedagógico e universitário. Trata-se aqui apenas da determinação das linhas que uma discussão deverá aprofundar e precisar.

10. Epistemologia: esquemas do escrito e do documento — 7º nível

Ao final deste estudo, resta-nos uma última dúvida: como chegamos a essa concepção contraditória e complementar dos dois circuitos? Sobre que novos esquemas mentais e sobre que novos esquemas práticos repousam eles? Fomos conduzidos, então, à elaboração dos seguintes esquemas metodológicos e a uma síntese dos esquemas do escrito e do documento.

O esquema metodológico. Observemos que nossa reflexão se desenvolveu em 6 níveis sucessivos, que se interligam um ao outro:

- fenômeno,
- circuitos corporativos,
- sociologia política,
- história sociológica,
- teorização científica,
- pedagogia.

Mas a relação lógica não foi constante. Procedemos sucessivamente por fases indutiva e dedutiva, alternadas. Se a definição do escrito e do documento e a análise dos circuitos corporativos se destacam de um processo indutivo, por outro lado, podemos situá-los fazendo intervir sucessivamente as teorias da infraestrutura econômica e da superestrutura intelectual e a da evolução comparada. Vamos observar, assim, uma vez mais, que o processo descritivo tem necessidade de um modelo teórico pré-estabelecido para esclarecimento dos fatos. Esse modelo, porém, não deve ser manipulado dogmaticamente, devendo ser modificado em função das realidades. É preciso, ainda, que ele exista e que dele se queira fazer uso.

O segundo ciclo indutivo-dedutivo desenvolveu-se nos planos científico e pedagógico. A distinção da bibliologia e da documentologia foi estabelecida por uma indução dos resultados precedentes, enquanto que o ensaio de interpretação das pedagogias dos dois campos foi apenas uma aplicação. Assim, os dois ciclos indutivo-dedutivo se estabeleceram, um ao nível da pesquisa e o outro ao nível da teorização, constituindo-se um circuito sistemático e completo. Um outro esquema metodológico seria mais apropriado?

Constatamos que o processo empregado se baseia mais na utilização de quadros de dupla entrada — recapitulativos dos resultados obtidos — que nos resultados sucessivos de cada nível. Eles se baseiam na elaboração progressiva do esquema dialético contraditório complementar.

Para concluir, convém, então, elaborar um esquema sintético e dedutivo dos resultados obtidos. É sobre esse esquema que recairá a crítica e através dele, a eventual renovação de nossas pesquisas e de nossas concepções comuns.

QUADRO 5

ESQUEMA METODOLOGICO DO ESTUDO SOBRE O ESCRITO E O DOCUMENTO

Pesquisa	PESQUISA			TEORIZAÇÃO		
	Fenômeno 1º nível	Circuitos 2º nível	Sociologia 3º nível	História 4º nível	Ciências 5º nível	Pedagogia 6º nível
Lógica						
Indução	X	X			X	
Dedução			X	X		X

QUADRO 6

QUADRO RECAPITULATIVO DEBUTIVO DA DIALÉTICA CONTRADITÓRIA E COMPLEMENTAR DO ESCRITO E DO DOCUMENTO

Linguagem fixa Matérias	Escrito	Documento
Ciência	A bibliologia é a ciência do escrito e do circuito superestrutural	A documentologia é a fonte do documento do circuito informacional da infraestrutura
Sociologia política. Luta de classes. Classes dominadas e dominantes. Circuitos conformistas e opositores.	Superestrutura intelectual Renovamento da ideologia num público formado pelo ensino, graças à economia editorial	Infraestrutura econômica e social Renovamento dos produtos pela intervenção de um serviço de documentação encarregado de fornecer a informação necessária à procura de soluções aos problemas da empresa
História: Evolução dos circuitos em relação com as estruturas econômicas	O circuito do escrito nas sociedades agrícolas e industriais	O circuito dos documentos nas sociedades industriais
Sociologia corporativa	A economia editorial ao serviço da superestrutura na transmissão ideológica, gratuita ou não, cultural e de lazer	A informação superestrutural na problemática das empresas e o setor útil e de trabalho
Fenômeno	O escrito e a cadeia de criação	O documento e a cadeia de consumo
Pedagogia	Intervenção das disciplinas de documentação com suas adaptações	Intervenção das disciplinas do escrito, adaptando-as

Studies concerning Library Science and Documentation, developed on six successive and interconnected levels: phenomenon, corporative channels, political sociology, sociology of history, scientific and pedagogic theory.

BIBLIOGRAFIA *

1. ESTIVALS, R. Schémas pour la bibliologie. 1976.
———. La bibliologie, introduction historique à une science de l'écrit. Tome 1. La bibliométrie. 1979. Tomes 2. Les sciences bibliologiques (no prelo).
2. OTLET, P. Traité de documentation, le livre sur le livre.
3. INFORCOM. Congresso nacional realizado na França, sob organização da Société des sciences de l'information et de la communication. 1º Compiègne, 1978, 2º Bordeaux, 1980.
4. ESTIVALS, R. & GAUDY, J. G. Introduction à la bibliologie graphique. L'évolution graphique des plans de Paris. SBS, (no prelo).

* Conforme citada no original.